

Goulart, com saudades da boemia

Pioneiro no jornalismo "corujão", Goulart de Andrade lamenta que hoje em dia a violência impeça a existência de um 'Comando da Madrugada'

O nome Goulart de Andrade é um marco no jornalismo da madrugada. Além de ser um dos primeiros a mostrar a vida dos seres noturnos, registrando desde o trabalho de lixeiros até boates de striptease, Goulart foi também o responsável por lançar em seu programa o apresentador Fausto Silva, então saído do rádio.

JT - O Comando da Madrugada começou a ser exibido no início da década de 80 e foi o primeiro a cobrir a notícia e também o comportamento da sociedade na madrugada. Como o sr. avalia a evolução do jornalismo "corujão"?

Goulart de Andrade - Eu fazia o *Globo Repórter* de 1974 a 76, mas interrompi os trabalhos por causa de um problema nas coronárias. Então, decidi fazer o programa de rádio *Zero Hora*, com duas horas de duração, que iniciou efetivamente a presença do jornalismo na madrugada de São Paulo, porque existiam apenas filmes, musicais e televidas. Convidado pelo Boni, voltei à tevê e fiz uma pesquisa que apontava a existência de 1,8 milhão de pessoas circulando pela cidade. No período, a Globo exibia de 3 a 4 filmes por madrugada. Nos intervalos, o programa entrava no ar e reverenciava um comportamento da cidade, com o devido

caráter jornalístico. Éramos uma equipe brancaleônica. Eu, o Capeta e um motorista-iluminador rodávamos pela cidade. Considerava-me um cronista de comportamento. Hoje, a proposta da tevê durante a madrugada é fazer o jornalismo factual. Esperávamos a última equipe do dia chegar para depois fazermos a revisão do equipamento e irmos para a rua.

Por que terminou a cobertura ao vivo da madrugada?

O *Comando da Madrugada* viveu muito tempo, foi transmitido por muitas emissoras e teve seu fim, terminando o registro do comportamento da cidade. Restou a cobertura de Amaury Jr., que tem outra função, a de mostrar festas, cronismo social. Na década de 80, existia um romantismo na noite. Encontrávamos boêmios. Hoje não se encontra mais. E ainda corremos o risco de voltar para a emissora sem a câmera.

Naquela época, o sr. defendia o jornalismo regional. Elogiava o *Globo Cidade* e criticava a cobertura do *Jornal Nacional*. Qual é a visão do Goulart dos anos 90?

Hoje, faço o *Repórter Record*, sucessor de um programa que ajudei a criar, o *Globo Repórter*. Procuramos achar caras novas e fazer um trabalho jornalístico sério e com ética. O jornalismo merece revisões. O jornalismo policial do *Cidade Alerta*, um telejornal regional, é rápido, elétrico, ágil e, o mais importante, ético. O conceito de comportamento e costumes no eixo Rio-São Paulo estava sendo disseminado imprópriamente para as outras regiões. Deve haver uma troca. São Paulo tinha a sua matéria-prima e pre-



'REPÓRTER RECORD': no estilo do 'Globo Repórter', "que ajudei a criar"

tendia fazer com que os nossos companheiros de outros Estados fizessem a cobertura regional em suas regiões. Hoje, temos compromisso financeiro, estético e de criação voltado para o regional.

Os telejornais locais, que podem eventualmente cobrir o comportamento da madrugada, objetivam diminuir a liderança e a tradição do JN? A exibição do programa *Cidade Alerta* no horário nobre caminha nesta direção?

Sim. Sentimos o *Jornal Nacional* como uma matriarca, o veículo mais importante da tevê brasileira por ser o mais antigo e mais conceituado, por ter adquirido credibilidade. *SP Notícia* e *Cidade Alerta* cumprem esse papel, sem que se exterminem o *Jornal da Record*, o *JN* e o *Jornal da Band*, que são a assinatura das emissoras, o progra-

ma institucional em forma de notícia. A evolução dos regionais é fantástica, no sentido de corporativismo social também. (R.R.)



Goulart, em 1982, no 'Comando da Madrugada': "Encontrávamos os boêmios. Hoje, corremos o risco de voltar sem a câmera."

Pesadelos nas primeiras semanas

Os jornalistas e os repórteres cinematográficos enfrentam situações de tristeza e de alegria durante a noite. A reportagem do JT acompanhou uma das equipes e conversou com os profissionais que transformam o terrível ou o afável cotidiano da noite em imagens e sons que aparecem na telinha. Todos têm histórias para contar. As experiências que causaram dor

foram exaustivamente narradas.

Ricardo Vital, repórter cinematográfico da Globo, sentiu o drama de um aidético, um dos muitos do Brasil contemporâneo que não têm acesso aos tratamentos de Primeiro Mundo. Junto à equipe, perambulou a cidade não em busca de notícia, mas acompanhando o drama do paciente à procura de atendimento público. Após passar por diversos hospitais e ter o acesso negado, o paciente caía e agonizava, com direito ao registro das lentes de Vital e à combatente vigilância da imprensa. "O foco mostrava o rosto dele, de olhos fechados, já na ambulância. De repente, uma gota de lágrima escorreu pelo

rosto. Quinze minutos depois, o médico comunicou o óbito. Não apaguei esta imagem da minha mente", confessa Vital.

Os jornalistas também têm muitas histórias para contar, mas preferem falar da realidade violenta e cruel da noite. "O nervosismo aumenta e emagreci um pouco. Fico com receio de algo ruim acontecer, como latrocínios, seqüestros e acidentes", diz Mara Corte, repórter da Record. "Tive pesadelos nas primeiras semanas da madrugada, mas alguns colegas disseram que isso era normal."

Vladimir Gama, repórter da Band, não hesita em acordar o chefe de reportagem quando a

cobertura é gravíssima. "É raro. Mas costumo chamar a chefia em casa quando o assunto é delicado. Em acidentes de estrada com grande número de mortes, não hesito em fazê-lo", diz. "Nós somos morcegos. Vemos o dia amanhecer e temos constante contato com o sangue da violência."

Luciana Cantão, da Globo, tenta fugir um pouco do pessimismo e lembra de um dos amanheceres que testemunhou. "Era horário de verão. Subi no helicóptero e decolamos. Parei de escrever e olhei para São Paulo. Vi o horizonte, o sol começava a nascer. É maravilhoso." Que bom se fosse sempre assim. (R.R.)